



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE HISTÓRIA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Giovane Guerreiro Dos Anjos

**“MERCADO DESANIMADO”: A CRISE DA BORRACHA A PARTIR DO JORNAL
PARAENSE ESTADO DO PARÁ (1910-1914)**

BELÉM/PARÁ
2024

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE HISTÓRIA
GIOVANNE GUERREIRO DOS ANJOS

**“MERCADO DESANIMADO”: A CRISE DA BORRACHA A PARTIR DO JORNAL
ESTADO DO PARÁ (1910-1914)**

Artigo científico de Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de História da Universidade Federal do Pará, como requisito para obtenção do título de Bacharel em História pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Profa. Dra. Franciane da Gama Lacerda

BELÉM/PARÁ
2024

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
FACULDADE DE HISTÓRIA
GIOVANNE GUERREIRO DOS ANJOS

**“MERCADO DESANIMADO”: A CRISE DA BORRACHA A PARTIR DO JORNAL
ESTADO DO PARÁ (1911-1914)**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Franciane Gama Lacerda (orientadora)
Faculdade de História/PPHIST/IFCH/UFPA

(examinadora)
Faculdade de História/PPHIST/IFCH/UFPA

BELÉM/PARÁ
2024

Agradecimento

Gostaria de expressar minha profunda gratidão a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização do meu TCC e conclusão do curso de História da UFPA.

Agradeço primeiramente ao meu pai, Jeandro Sousa, por seu apoio incondicional e constante presença ao meu lado. À minha mãe, Juliete Serrão, por seu incentivo e apoio contínuo, sempre me motivando a seguir em frente. Minha gratidão também se estende à minha avó materna, Joana Serrão, que, mesmo com apenas o ensino fundamental incompleto, compreendeu a importância da educação e sempre me incentivou a estudar.

A memória do meu avô, Raimundo das Graças Guerreiro, que nos deixou em 2021 devido a COVID-19, é de grande importância para mim. Ele foi um homem admirável que sustentou e criou a família com seu trabalho e nunca deixou faltar nada, sempre me apoiando e sendo uma presença fundamental em minha vida.

Agradeço também à minha avó paterna, que sempre me incentivou a seguir meus sonhos e a lutar pelo que desejo. Não posso esquecer de minhas tias e meu tio Raul Guerreiro, que, no momento em que passei no vestibular, fez tudo o que pôde para garantir minha ida da cidade do interior para a capital, e minha tia Naira Guerreiro, que me acolheu e me deu todo o suporte necessário na capital.

A todos os meus amigos da faculdade — Pedro, Ariadne, Barbara, Joel, Fabrício, Matheus William, e também à mãe do Joel, que me dava carona durante a graduação — meu sincero agradecimento pelo companheirismo e amizade.

Finalmente, sou extremamente grato à minha orientadora, Franciane da Gama Lacerda, que foi minha professora desde o primeiro período e orientadora durante a monografia. Seu apoio e orientação foram cruciais para a conclusão deste trabalho. Muito obrigado a todos por sua contribuição inestimável nesta jornada.

INTRODUÇÃO

O período que marca o primeiro “ciclo da borracha” na Amazônia tem sido estudado pela historiografia amazônica em momentos diversos. Roberto Santos em seu livro “História Econômica da Amazônia (1800-1920)” ao estudar a economia da região aponta que a economia amazônica experimentou “ligeiro” avanço no final do século XVIII e início do XIX. No entanto, ao término das condições favoráveis para esse cenário, a produção extrativista para exportação e a agricultura comercial perderam importância, conforme cita o autor:

Ao cessarem, porém, as condições externas favoráveis, a produção extrativa para exportação e à agricultura comercial passam a perder importância, possivelmente cedendo lugar à agricultura de subsistência para consumo local - tendência que se acentuaria com as graves perturbações políticas regionais, estas, por sua vez, derivadas parcialmente das dificuldades do comércio exterior e do câmbio. (SANTOS, 1980, p. 41)

Tudo isso conduziria a queda da renda per capita na primeira metade do século XIX, prejudicando a economia e a deixando sem perspectiva. Só a mudança dos fatores condicionantes poderia alterar esse cenário de crise que, ainda segundo o mesmo autor, seria necessário então que se verificasse três condições históricas ainda não verificadas:

1) a deflagração de novo processo de estímulo externo, durável e vigoroso; 2) que, em resposta a esse estímulo, mudanças adequadas permitissem superar dois dos estrangulamentos regionais: a do sistema primitivo de transportes e o da escassez da mão de obra; 3) que o uso do dinheiro e o cálculo monetário se vulgarizassem na região, através, por exemplo, de um mecanismo de financiamento apropriado à geografia local, capaz de superar as distâncias entre o porto de exportação e os centros produtores, incitando à ocupação de novos territórios. (SANTOS, 1980, p. 41)

Segundo o autor, essas mudanças ocorreram no início da segunda metade do século XIX. Todavia, não ocorreu como era desejado, tendo em vista que o estímulo se deu principalmente em relação a atividade extrativa da borracha, aspecto que anulou os outros setores, pois não puderam competir na disputa dos fatores de produção. Além disso, a mão de obra demorou a crescer, o que resultou na rápida transferência dessa força de trabalho para a produção extrativa “ressentindo-se até mesmo a agricultura de subsistência”.¹ Nesse sentido, os capitais concentraram-se “fortemente na comercialização ou na produção do principal produto extrativo, a borracha”.²

Segundo Roberto Santos a borracha passa de “objeto de curiosidade no início do seu conhecimento pelos europeus, (...) a constituir um produto de largas perspectivas no comércio

¹ SANTOS, Roberto Araujo de Oliveira. História econômica da Amazônia: 1800-1920. São Paulo, 1977, p. 41-42

² Ibidem, p. 42

internacional” Essa “demanda cresceria incessantemente no século XIX e com ímpeto ainda maior nas primeiras décadas do século XX”.³ A borracha alcançou um patamar tão significativo que segundo Santos Roberto Santos, foi possível devido a introdução do navio a vapor em 1853, na qual configurou uma rápida resposta a produção mundial em crescimento:

A resposta relativamente rápida que a Amazônia iria oferecer à produção mundial em crescimento só se tornou possível em virtude de uma mudança técnica ocorrida no setor dos transportes: a introdução do navio a vapor, em 1853. Esse fato parece ter tido muito mais importância econômica e política que abertura do Amazonas a navegação internacional, em 1867, e na verdade suas causas e efeitos foram bem mais complexos do que à primeira vista parecem. (SANTOS, 1980, p. 53)

Chama atenção a discussão feita por Roberto Santos a comparação que o autor faz, em relação ao grau de importância dos processos históricos na Amazônia, na qual a produção de borracha é colocada em uma posição mais importante que a própria abertura do Rio Amazonas para a navegação internacional em 1867, demonstrando sua relevância para a região amazônica na virada do XIX para o XX.

Barbara Weinstein ao estudar, também, a borracha na Amazônia, destaca que o modelo adotado foi um bem conhecido, isto é, a produção gomífera “decolou” em decorrência da demanda estrangeira de borracha bruta, em um cenário que a Amazônia era a única região fornecedora. Conforme cita a autora “A economia de exportação, resultante dessa confluência de forças econômicas e ambientais, gerou um crescimento comercial e demográfico sem precedentes na região e fez uma área esquecida e muito atrasada um dos mais promissores centros de comércio do Brasil”.⁴ Foi apenas com borracha cultivada na Ásia, chegando em grandes quantidades no mercado, que a borracha silvestre, oriunda da Amazônia, começou a entrar em decadência. Nesse sentido, a autora considera que a economia da borracha seguiu o caminho previsível que se inicia com a expansão e, posteriormente, fracassa.

Se por um lado a economia cafeeira em São Paulo expandiu-se e diversificou-se em um nível que uma área de monocultura a torna-se um dos centros industriais mais importantes do Terceiro Mundo, a prosperidade gerada pela economia da borracha por outro lado, foi “efêmera e superficial”, segundo cita Barbara Weinstein:

Os teatros de ópera mundialmente famosos, as mansões suntuosas e as extravagâncias de legendários nababos criaram para a região uma deslumbrante fachada, por detrás da qual, porém, havia um sistema de produção e uma rede de trocas que pouco diferiam das estruturas socioeconômicas características do período colonial. (WEINSTEIN, 1993, p. 16).

³ *Ibidem*, p. 42

⁴ WEINSTEIN, Barbara. *A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920*. São Paulo, Hucitec/Edusp, 1993, p. 15.

Há publicações que não só mostram as tramas desse processo econômico para a região — seja o momento de prosperidade, ou a decadência — mas também a redefinição das relações sociais a partir da formação, consolidação e rearranjo dos grupos sociais, conforme demonstra a historiadora Cristina Donza Cancela:

O período que compreendeu os anos de 1870 a 1920 foi marcado pela acentuação das mudanças que já vinham ocorrendo na economia da capital paraense desde o início da segunda metade do século XIX. A intensificação e a diversificação do comércio estiveram diretamente associadas a essas mudanças. As relações sociais foram redefinidas a partir da formação, consolidação e rearranjo dos grupos sociais. Famílias de proprietários de terras enraizadas na província ainda no período colonial tiveram que flexibilizar suas atividades para fazer frentes as novas demandas do mercado e aos indivíduos recém-chegados, sem tradição, mas com fortunas centradas no negócio da borracha ou às atividades incrementadas a partir da expansão gomífera. (CANCELA, 2011, p. 24)

Ainda segundo Cristina Cancela, esse processo de reestruturação das atividades econômicas, a partir desses novos signos de riqueza, significou o restabelecimento de investimentos em novas bases das famílias da elite local, como: seringais, casas de aviação, firmas comerciais, ações e imóveis urbanos.

Diante disso, como parte da historiografia que vem pensando esses desdobramentos da economia gomífera e seus processos sociais, o presente trabalho busca analisar aspectos da economia da borracha na década de 1910, quando se inicia a diminuição das exportações que marca a crise do comércio da borracha, segundo Cristina Donza Cancela:

A crise do comércio da borracha concentra-se a partir da década de 1910, com as sucessivas baixas no preço do produto. Na verdade, o seu preço nunca teve uma ascendência linear constante. A oscilação do valor da arroba sempre foi tema de reclamações de comerciantes. (CANCELA, 2011, p. 49)

Ainda que fosse um período em que essa produção estivesse em declínio, ao observarmos a questão a partir dos vestígios do jornal *Estado do Pará* (1911-1914)⁵, podemos identificar diferentes perspectivas em relação a esse processo. Assim, selecionamos diferentes matérias do periódico selecionado, em dias diferentes, para identificar como a crise e as medidas do governo eram retratadas no jornal, além de coletar e analisar os telegramas no jornal, na qual expõe-se a opinião de outros países diante das políticas adotadas pelo governo brasileiro. Dessa maneira, o presente trabalho se divide em quatro sessões, na primeira parte, daremos conta de discutir as fontes periódicas como objeto de pesquisa em história, com intuito de apresentar como o jornal *O Estado do Pará* serviu para analisar as impressões que outros países do além-

⁵ Segundo Miguel Alves de Souza Neto e Priscila Ferreira Bentes *Estado do Pará* (1911-1914) nasce em 9 de abril de 1911, por isso nos interessa analisa-lo, considerando que coincide justamente com o momento em que as praças amazônicas começam a entrar em decadência.

mar tiveram em relação a crise da borracha que atravessou as praças amazônicas. Segundo José D'Assunção Barros:

Os periódicos são, efetivamente, todos aqueles tipos de publicação impressa que são postos a circular, publicamente, com algum tipo de periodicidade, seja esta diária, semanal, anual ou qualquer outra. Se serão vendidos ou distribuídos livremente, e se serão expostos em bancas de jornal ou disponibilizados em circuitos mais específicos, isto ainda não importa muito para que esta e aquela publicação possam ser classificáveis como periódicos (BARROS, 2021, p. 398-399).

Na segunda parte discutiremos a crise da borracha nas praças amazônicas, a partir de trabalhos que deram conta dessa problemática e de matérias do periódico *Estado do Pará* intituladas “Notas Commerciaes”, na qual foi possível observar os movimentos do mercado da borracha cotidianamente.

Na terceira parte, na qual consta a discussão central do trabalho, analisaremos os telegramas chegados no Brasil, em específico na Amazônia, sobre as impressões que as políticas, ações e medidas tomadas em relação a crise da borracha, articuladas pelo governo do Pará e do Amazonas, com objetivo de analisar outras perspectivas que se apresentam diante do contexto de crise nas praças amazônicas.

Na quarta parte, apresentaremos as movimentações no mercado internacional da borracha, e as transações e cotações da bolsa a partir do periódico selecionado para a presente pesquisa.

NOVOS OBJETOS, PROBLEMAS E ABORDAGENS: FONTE PERIÓDICA COMO OBJETO DA PESQUISA EM HISTÓRIA

Segundo Tania Regina de Luca, a prática historiográfica alterou-se no final do século XX com a terceira geração da Escola dos Annales na França, na qual por meio de deslocamentos analíticos, propunha “novos objetos, problemas e abordagens”. Essa virada, no que diz respeito a relevância das fontes periódicas, como documentos relevantes para compreender ideias, cotidiano, as crianças, festas, mentalidades, antes fora do campo da História, contrapunha-se a ideia de “registros fragmentários do presente” que existia em relação aos jornais.

Acrescenta ainda a autora, que essa mudança metodológica e analítica teve impactos também na historiografia brasileira, aponta então que “O estatuto da imprensa sofreu deslocamento fundamental ainda na década de 1970: ao lado da História da imprensa e por meio da imprensa, o próprio jornal tornou-se objeto da pesquisa histórica”.⁶ Marialva Barbosa,

⁶ LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.), p. 118.

seguindo por esse caminho do jornal como objeto de estudo, ou melhor, a imprensa, destaca que a função da história não é recuperar o passado como ele se deu, mas interpretá-lo. Isso deve se dar por meio de sinais que chegam até o presente, o que possibilita tentar compreender o passado dentro de suas teias, fios e rastros de significações. Nesse sentido, esses vestígios podem estar presente em diversas instâncias, conforme cita a autora:

Os vestígios, que informam sobre uma dada história da imprensa no Rio de Janeiro, podem estar contidos em cenas de filmes de época; materializados numa imagem turva em meio a um emaranhado de cenas; nas histórias que são repetidas oralmente. Podem também estar presentes em textos sem o valor de documento oficial, dispersos sob a forma de sinais variados: textos ficcionais de escritores consagrados ou não; entrevistas de jornalista, cartas que despreziosamente escreveram no passado; correspondência que os próprios leitores encaminharam às publicações. Estão nas imagens publicadas ou não, que podem mostrar formas e práticas de leituras, induções de sociabilidades contemporâneas nas fímbrias da relação do público com a mídia. Enfim, estão nas páginas dos jornais, nas suas edições comemorativas, no cotidiano das notícias, nos ecos que o passado produz no presente. (BARBOSA, 2007, p. 14)

Ainda segundo a autora, esse exercício requer considerar as múltiplas interpretações na qual a história da imprensa já foi objeto de análise e dialogar com autores que se ocuparam com a discussão das transformações dos meios de comunicação impressos no século XX, tendo em vista que “não é possível produzir qualquer conhecimento sem considerar as conquistas realizadas anteriormente. O conhecimento não é objeto de disputas e sim de partilha mútuas”.⁷ Pensar essas transformações como parte de todo esse processo é fundamental na produção historiográfica.

Nesse sentido, a fonte periódica selecionada para dar conta da problemática levantada foi o jornal “Estado do Pará” que segundo Miguel Alves de Souza Neto e Priscila Ferreira Bentes nasce em 9 de abril de 1911, conforme citam os autores:

O jornal “O Estado do Pará” nasce em 9 de abril de 1911, fundado por Justo Chermont, um político de influência no Grão Pará. O primeiro endereço do impresso foi a Travessa Campos Sales, esquina com a Rua Treze de Maio – onde hoje se localiza o Edifício Justo Chermont, e em 20 de abril de 1976, tendo como proprietário Lopo Alvarez de Castro, passou a funcionar na Rua Gaspar Viana, nº 773 – onde hoje se localiza a gráfica do Jornal “O Diário do Pará”. No decorrer dos anos até 31 de dezembro de 1980, devido a problemas financeiros, o jornal encerra sua circulação com a edição de número 15684. (BENTES; SOUZA NETO, 2012, p. 3)

O *Estado do Pará* era constituído de 4 a 8 páginas a depender do número de ocorrências registradas. Ainda segundo os autores, a função do jornal era “o era veicular informações sobre

⁷ LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.), p. 14.

as mais diversas situações vividas em Belém, no Brasil e no exterior, mas, seu objetivo maior era apoiar o político Lauro Sodré e seus aliados”.⁸ como uma forma de defendê-lo das publicações do jornal “A Província do Pará” - jornal de cunho Lemista – e combater o intendente municipal Antônio Lemos.⁹ Segundo Elis Regina Corrêa Vieira:

O Estado do Pará era um matutino e possuía de 6 a 8 páginas, organizadas em seis colunas. A partir de 1918 passou a publicar também uma edição vespertina, devido “a crescente curiosidade pública sobre as notícias palpitantes da guerra” e a necessidade de corresponder a simpatia cada vez mais acentuada da ‘população da Amazônia e especialmente desta capital’. O jornal teve uma vida longa circulando até 1980, seu último exemplar foi publicado no dia 31 de dezembro daquele ano.” (VIEIRA, 2016, p. 20)

Além disso, também foi um periódico que nasceu justamente em um momento que nos interessa, isto é, dentro do recorte temporal escolhido para a presente pesquisa, em que a produção gomífera começa a entrar em declínio, e diferentes processos históricos, durante esse contexto, podem ser observados.

Como destaca Elis Regina Corrêa Vieira em seu trabalho de dissertação “De fato, quando investigamos alguns jornais que circularam em Belém, no início do século XX percebemos que eles são marcados por uma forte dinâmica, sendo espaço de debate e construção de valores, ideias e diversos projetos político-sociais.”¹⁰, aponta também que no final do século XIX, os jornais passaram por transformações, onde os pequenos jornais cedem lugar às grandes empresas jornalísticas, essas condições teriam sido criadas pelas riquezas geradas pela economia da borracha.

Nos interessa trabalhar com o jornal “Estado do Pará” porque além de ser um periódico que é o reflexo da evolução do jornalismo na cidade de Belém, também significa o resultado de um crescente índice de urbanização, tendo em vista que “as notícias ampliam-se, os recursos tecnológicos – advindos do próprio crescimento de Belém”. Desse modo, consoante os autores “aumentaram o número de jornais nas ruas, melhoraram a qualidade de impressão e baratearam seu custo, o que leva a considerar indícios de uma comunicação de massa que passa a melhorar a produção jornalística desde o início do século XX até os dias de hoje”.¹¹ Dessa forma, coletar,

⁸ BENTES, P. F.; SOUZA NETO, M. A. Jornalismo e História no Pará: Relatos de acontecimentos importantes de agosto de 1912. In: 2º Encontro Regional Norte de História da Mídia e 2º Seminário de História, Cultura e Meios de Comunicação na Amazônia, 2012, Belém. Anais do 2º Encontro Regional Norte de História da Mídia e 2º Seminário de História, Cultura e Meios de Comunicação na Amazônia. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2012. v. 2. p. 3

⁹ *Ibidem*, p. 3

¹⁰ VIEIRA, Elis R. C. Manchete do dia: imprensa paraense e saneamento rural (1917-1924). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal do Pará. UFPA, Brasil. 2016, p. 9.

¹¹ BENTES, P. F.; SOUZA NETO, M. A. Jornalismo e História no Pará: Relatos de acontecimentos importantes de agosto de 1912. In: 2º Encontro Regional Norte de História da Mídia e 2º Seminário de História, Cultura e Meios de Comunicação na Amazônia, 2012, Belém. Anais do 2º Encontro Regional Norte de História da Mídia e

ler, analisar e questionar o jornal “Estado do Pará” é pertinente, pois além de ser um jornal que possibilita observar o cotidiano de Belém, conforme citam os autores, ao destacarem que já em 1912 está já era urbanizada e apresentava, assim como outras cidades do seu “porte” crimes dos mais variados:

Havia o título “Ocorrências Policiais”, onde eram relatadas pequenas infrações, como pessoas que consumiram alta quantidade de bebida alcoólica, e delitos, como o caso de Miguel Archanjo que fora preso por não definir a precedência de um pato que possuía em mãos, homicídios provocados por vingança, inveja, como em “ciúme, pau e xadrez” que Etelvina Adolphina agrediu Raymunda por sentir inveja da mesma, ou ciúme, tal qual o espancamento da esposa de Mario de Alencar, Maria Julia de Alencar, pelo fato de o marido acreditar que ela o traía. Suicídios, como o relato sobre o jovem Victor Manoel Vaz, português que se matou por encontrar-se em extrema pobreza. Semelhantes aos cadernos de crimes hoje - intitulado “Polícia” nos jornais “O Liberal” e “Diário do Pará”, em 1912, a escrita ilustrava o que ocorrera, nos mínimos detalhes, hoje, esse auxílio é fornecido pelas fotografias, percebem-se “anúncios” da notícia, o que não se diferencia do LEAD contemporâneo, da técnica de organizar, em poucas palavras, o mais importante do acontecimento. (BENTES; SOUZA NETO, 2012, p. 5)

Não só o cotidiano dos sujeitos que transgrediam na cidade de Belém na segunda década do século XX, *Estado do Pará* permitiu também, observar os acontecimentos externos a Amazônia e ao Brasil de acordo com os autores:

Existia o espaço sobre as notícias do exterior proveniente de telegramas enviados de outros estados do Brasil e de Portugal em “Notícias de Portugal”. “Tópicos e Notícias”, assuntos abordando atualidades. “Telegramas” a respeito de acontecimentos no interior, geralmente notícias do Rio de Janeiro, e no exterior, a economia na França, incidentes na Turquia, ocorrências nos Estados Unidos e outros países. Esses tópicos apresentam semelhança com o primeiro caderno tanto do “O Liberal” - “Atualidades” - quanto do “Diário” - Belém, pois, nestes jornais, o primeiro caderno trata dos assuntos mais importantes para a cidade, as matérias mais relevantes sobre o âmbito local, regional, nacional e internacional, de acordo com o grau de relevância para o habitante belenense. (BENTES; SOUZA NETO, 2012, p. 6)

É justamente essa coluna de notícias do exterior do jornal que nos interessa, considerando que é onde foram localizados os temas relacionados à produção da borracha, sua dinâmica cotidiana, venda, compra e balanços do mercado internacional e das praças amazônicas. Como podemos observar na matéria do dia 8 de janeiro de 1914, na qual um telegrama dos corretores Aguiar-Cohen, sobre as cotações da borracha - Sertão, sernamby, caucho bola, fina das Ilhas - em Londres mostra que após a fatura, o mercado não demonstra grandes movimentações “sendo quieta a posição geral do mercado, como encerrou”¹²

2º Seminário de História, Cultura e Meios de Comunicação na Amazônia. Rio Grande do Sul: UFRGS, 2012. v. 2. p. 3

¹² Estado do Pará. Belém, 1914, edição 01002, p. 6

“MERCADO DESANIMADO”: A CRISE DO COMÉRCIO DA BORRACHA NAS PRAÇAS AMAZÔNICAS

A economia da borracha teve seu período áureo na Amazônia na virada do século XIX para o XX. Segundo Cristina Cancela, é a partir de 1870 que se inicia o crescimento do valor agregado dos seringais no patrimônio das famílias da elite local, quando a borracha cresce em prestígio e legitimidade em relação ao número de negócios e com a entrada de importantes firmas estrangeiras no comércio gomífero. Cita então que:

Pouco a pouco, as famílias tradicionais de criadores de gado do Marajó e proprietários de engenhos de diversas regiões paraenses vão combinar essas atividades com a extração de seringa em seus domínios e a participação em firmas comerciais, disputando e/ou aliando-se aos novos grupos de comerciantes, em grande parte formados por migrantes recém-chegados à capital. (CANCELA, 2011, p. 26)

Esse também é um momento, segundo Maria Luiza Ugarte Pinheiro, que marca a entrada massiva de imigrantes estrangeiros no Brasil, tendo em vista que a dinâmica socioeconômica do país, antes sustentada pelo modelo escravista, passou a funcionar a partir da dinamização econômica pautada numa nova divisão do trabalho.¹³ Essa imigração, segundo a autora, transformou-se em um grande comércio, atingindo diferentes regiões do Brasil:

Com intensidades diferenciadas, esse fenômeno de atração de imigrantes atingiu também outras áreas do Brasil que estavam sendo dinamizadas pela expansão capitalista. Nesse contexto, a Amazônia emergiu como nova fronteira para o capital, em especial pela emergência da borracha, que passa então a desapontar como um importante componente para a produção industrial. Com efeito, essa arrancada já era perceptível no início da década de 1880, momento em que o produto havia se transformado no segundo mais importante na pauta de exportações brasileiras, perdendo apenas para o café. (PINHEIRO, 2019, p. 227)

Maria Ugarte afirma então que a emergência da economia da borracha deflagrou o crescimento da região Amazônica como área de destino de diversos sujeitos que se punham em movimento:

Tanto nacionais quanto estrangeiros aportaram na região em busca de oportunidade de trabalho e de enriquecimento, que eram alardeadas por meio de propagandas financiadas pelos governos dos estados do Norte, notadamente Pará e Amazonas, e pela iniciativa privada. Esse propagadíssimo se fez pelas diferentes formas, sendo uma delas a publicação de obras de exaltação à Amazônia e à modernidade de suas cidades capitais (PINHEIRO, 2019, p. 227-228).

No entanto, embora essas transformações e reestruturações das redes de sociabilidade e dinamização econômica tenham se consolidado no final do século XIX, influenciando e forma direta as configurações de riqueza e de patrimônio das linhagens tradicionais paraenses¹⁴, a

¹³ PINHEIRO, M. L. U.. *Vivências Lusitanas na Cidade da Borracha: Manaus, 1893-1923*. In: SARGES, Maria de Nazaré; FIGUEIREDO, Aldrin Moura; AMORIN, Maria Adelina.. (Org.). *O Imenso Portugal: estudos luso-amazônicos*. 1ed.Belém: UFPA, Cátedra João Lúcio de Azevedo, 2019, v. , p. 225-247.

¹⁴ CANCELA, C. D.. *Casamento e família em uma capital amazônica (Belém 1870-1920)*. 1. ed. Belém: Açai, 2011. 425p.

borracha, na passagem da primeira década para a segunda década do século XX, seu protagonismo no cenário Amazônico e internacional foi perdendo forças, marcando um período de crise para a produção nesse contexto. Como podemos observar na matéria publicada pelo jornal:

Continuou ainda ontem bastante desanimado o nosso mercado com os vendedores retraídos e compradores, quase em sua maioria, retirados, baixando cada vez mais as cotações, devido ter afrouxado o mercado Inglês, provocado pelos baixistas. Em vista dos negócios serem feitos por um ou outro comprador a preços baixos os possuidores, por sua vez, se retrahem, causando isso ainda maior desanimo no mercado. (13 de abril de 1911, edição 00005, p.3)

Além disso, a seção “Notas Commerciaes” também possibilita identificar a movimentação cotidiana da venda da borracha e o número, por exemplo, de casas compradoras, como podemos observar na matéria do dia quinta-feira, 20 de abril de 1911 “Foi pequeno o movimento. Apenas três casas fizeram algumas compras até as três horas da tarde retraindo-se o mercado dessa hora em diante e fechando sem compradores”.¹⁵ Nesse mesmo periódico, não há só a exposição da crise latente nas suas páginas. Também se percebe as críticas ao governador Enéas Martins que segundo o jornal adota uma posição “ingênua” de esperar as altas do preço, como foi exposto na seção “Defesa da Borracha”:

Emquanto nosso illustre governador, cercado de seus secretarios e auxiliarese sumidades em evidencia no nosso commercio, no louvavel intuito de discriminar a verdade, esmerilha e enquadrilha a trama intrincada do nosso problema economico; a praça de Belém se debate em uma crise temerosa. (*Estado do Pará, 1911*)

BORRACHA NA AMAZÔNIA: DESDOBRAMENTOS NA POLÍTICA EXTERNA A PARTIR DO JORNAL *O ESTADO DO PARÁ* (1911-1914)

O sr. dr. governador do Estado já telegraphou ao governador do Amazonas, avisando da proxima convocação do congresso do Estado para a reunião extraordinaria a realizar-se em 8 de maio proximo, com o fim especial de votar leis e auctorizações necessarias á realização da defeza da borracha de acordo com o convenio de Mánaos. A seu turno o governador do Amazonas convocará o congresso amazonense para votar leis identicas. (*Estado do Pará, 1911, edição 00009, p. 1*)

A matéria citada acima, extraída da seção “informações” é sugestiva no sentido de permitir identificar que embora fora um período marcado por crises, existiram outros parâmetros de observação dos processos que atravessaram as praças amazônicas, isto é, tiveram reuniões, congressos e ações voltadas para a defesa da borracha diante das baixas dos seus preços, na qual refletiram diretamente em centros fora do Brasil. Nesse cenário, ainda que a década de 1910 do século XX seja marcada pela crise do ciclo da borracha, sendo esta um dos

¹⁵ Estado do Pará. Belém, 20 de abril de 1911.

produtos de maior importância na economia amazônica nesse período, o jornal *Estado do Pará* possibilitou observar que, para além do mercado “desanimado” da borracha, outras crises assolavam o Pará, como podemos ler na matéria do dia 16 de abril de 1911:

A crise da borracha que vem alarmando o nosso commercio, há um anno já em lucta com a baixa d’esse gênero, que constitue ainda a primeira produção do Estado, juntar-se-á dentro de alguns dias a crise de transporte, pela suspensão de serviços a cargo da Companhia do Amazonas, que até agora tem feito as linhas regulares de Belém ao interior e ao Estado do Amazonas, ao território federal do alto Amazonas e a Iquitos, no Perú. (*Estado do Pará*, 1911, edição 00007, p. 1)

Ainda que a cidade de Belém estivesse perpassando por diferentes problemas econômicos. Por meio d’ *Estado do Pará*, as ações do governo para tentar conter ou resolver o problema da crise da borracha, marcada por encontros e reuniões de sujeitos que faziam parte de instituições e que ocupavam posições que precisam lidar diretamente com a questão, como foi possível observar no telegrama de 9 de abril, domingo, 1911:

Rio, 8

Com o sr. marechal Hermes da Fonseca, presidente da Republica, o deputado dr. Lyra Castro, líder da bancada paraense, teve longa conferencia, e também com o novo director do Banco do Brazil, a respeito da crise da praça de Belem, provocada pela baixa do preço da borracha, ficando combinadas medidas de relevante importante. (*O Estado do Pará*, 1911, edição 00001, p. 2)

Na segunda-feira, 10 de abril de 1911, Lyra de Castro ainda se ocupava com as questões pertinentes a baixa do preço da borracha conforme telegrama deste mesmo dia “O senhor dr. Lyra Castro continua a ocupar-se do assumpto relativo valorização da borracha e de vitais interesses das praças da Amazonia”.¹⁶

As reuniões e medidas adotadas pelo governo brasileiro e as ações que visavam frear as baixas do preço da borracha nas praças amazônicas, tiveram repercussões na política externa. Nesse sentido, embora esse momento fosse marcado pela crise que assolava as praças amazônicas, os telegramas coletados no jornal analisado, permitiram entrever perspectivas de outros países em relação a crise da borracha, como podemos observar na matéria do dia 11 de abril, terça-feira de 1911, na seção de telegramas:

Londres, 10

A imprensa londrina faz referências favoráveis ao artigo editorial do jornal *Seostman*, de Edimburg, aplaudindo as medidas tomadas pelo governo brasileiro facilitando adiantamentos bancários valorização da borracha amazonica, salientando que os amigos do Brazil aprovam a acção dos productores da borracha afim de tornarem de

¹⁶ Estado do Pará, Belém, 10 de abril de 1911.

independentes dos manejos especulativos dos mercados europeus e americanos. (*Estado do Pará*, 1911, edição, p. 2)

Na mesma página e na mesma seção identificamos também outro telegrama de Londres, na qual expõe que a situação na cidade de Belém era de que o mercado se encontrava parado. Além disso, podemos entrever também as relações entre mercado europeu e as “praças amazônicas”, visto que Londres, esperava com ansiedade pelas movimentações das praças amazônicas para só assim, determinar seus próximos passos naquele contexto, como podemos observar no telegrama:

Londres, 10

Causaram aqui bôa impressão nas rodas commerciaes, as providencias que os governos do Pará e Amazonas vão adoptar para a defeza da borracha. O mercado aqui acha-se parado. Aguarda-se os movimentos das praças amazonicas. Há ansiedade por informações seguras.

Londres, 10

Sabe-se que o governador Paes de Carvalho recebeu bôa impressão pelos governos do Pará e Amazonas sobre a borracha. (*Estado do Pará*, 1911, edição, p. 2)

Esses telegramas são instigantes, pois, quando as praças amazônicas começaram a perder a força produção da borracha, e o número de casas compradoras também sofrem uma diminuição pode-se perceber ações dos governos brasileiros. Estes buscavam com frequência se reunir para definir leis, diretrizes para a defesa da borracha e estabelecer planos de ação para lidar com a crise. Ao mesmo tempo, pode-se perceber a complexidade desse processo com as suas contradições, podem ser identificadas em dois telegramas do dia 6 de janeiro de 1914, terça-feira, em relação ao mercado brasileiro podemos observar que:

Esteve hontem muito pouco movimentado este nosso mercado, devido naturalmente as entradas terem sido insignificantes, fazendo-se, no entanto, negócio em cerca de 15 toneladas de qualidades das ilhas. (*Estado do Pará*, 1914, edição 01000, p. 4)

Em contrapartida, em outro telegrama do mesmo dia de Londres, na coluna “Borracha” consta que:

Em Londres, segundo telegramma de 12,45 da tarde, dos corretores Aguiar-Cohen, cotou-se a disponível a 3|1 1|2, fina Sertão; 1|9 3|4, sernamby; 1|10 1|2. Caucho bols; 2|5 3|4, fina das ilhas, e 3|1 fina Sertão, entrega futura, sendo firme a posição geral do mercado, como encerrou. (*Estado do Pará*, 1914, edição 01000, p. 4)

Nesse sentido, podemos observar que a seção do jornal *Estado do Pará* destinada aos serviços telegráficos, não só permitiam observar o que estava ocorrendo em relação ao mercado da borracha no interior e outras regiões do Brasil, mas também no exterior, aspecto que permitiu

observar as diferentes visões sobre o período que marca a crise das praças amazônicas. Essa característica dos serviços telegráficos é destacada por Elis Regina Correa:

Assim como a Folha do Norte, o Estado do Pará também fazia uso de um serviço telegráfico, com uma coluna específica para esta publicação, geralmente na segunda página. Os telegramas eram organizados em dois blocos, os que vinham do interior do Pará, e de outros lugares do Brasil, em grande parte do Rio de Janeiro, e os que vinham do exterior, com diversos telegramas da Europa e dos Estados Unidos, especialmente durante a Primeira Guerra Mundial. Cabe destacar que por diversas vezes os telegramas deste conflito ganharam as primeiras páginas deste jornal, que orgulhosamente destacava um “serviço telegráfico especial do Estado do Pará, em combinação com o da agência americana.” (VIEIRA, 2016, p. 9).

Essa característica permitiu também colocar em embate diferente perspectivas em relação as movimentações do mercado da borracha, e questionar notícias periódicas de um contexto que não deve ser entendido apenas como um período de crise na Amazônia, mas um momento em que diferentes sujeitos foram participantes e variadas visões foram apresentadas.

“TRANSACÇÕES DA BOLSA”: COTAÇÃO DA BORRACHA E MERCADO MUNDIAL

Esteve animado, hontem, o nosso mercado effectuando-se negocios em torno de 80 toneladas com quatro casas exportadoras.

Os negocios foram effectuados depois do almoço tendo passado de mãos todos os lotes que entraram das Ilhas. sendo: sendo qualidade fina, a 4\$400; Sernamby a 2\$500; o do tipo Cameta, a 2\$700e e fina de Caviana, a 4\$600.

Tambem fizeram-se alguns negocios com as qualidades fina de Anapú e Cajary a 4\$500.

Com o caucho Tocantins constou-se ter effectuado negocio com apenas 5 toneladas a 4\$200.

Com a qualidade do Sertão não houve negocio, pois apesar de haver comprador para umas 10 toneladas, ao preço de 2\$550, não houve vendedores.

Em Liverpool – segundo telegramma das 2:30. cotava-se 4|5 vendedores para a qualidade fina do Sertão, disponível; 4|5 e 1|2 vendedores para a mesma qualidade com entrega em abril; 3|9 1|2 vendedores para o Sernamby, disponível; 3|10 1|2 compradores para o caucho bola disponível 3|9 vendedores para essa mesma qualidade, com entrega em abril, estando o mercado muito firme. (*O Estado do Pará*, 1912, edição 00270, p. 3)

Chama atenção na seção acima que aponta as “transações da bolsa”, publicada no *Estado do Pará*, que, ainda que se tratasse de um momento de crise nas praças amazônicas, como demonstrado anteriormente, podemos observar também, ao que sugere a fonte, que os negócios da borracha amazônica se mantinham no mercado internacional. Segundo o periódico as

exportações para Liverpool no domingo 14 de janeiro de 1912 apresentava-se firmes no mercado.¹⁷

O vapor Inglês ‘Lanfrane’ subiu hontem, de Manaus conduzindo 340 toneladas de borracha para Liverpool.

Terminará no dia 19 do fluente, às 6 da tarde, o recebimento da carga que o vapor allemão ‘Rio Branco’ conduzirá para a Europa, no dia 21 andante, às horas da manhã. (*O Estado do Pará*, 1912, edição 00279, p. 3)

Embora o cenário fosse de crise da borracha nas praças amazônicas, as exportações transatlânticas se mantiveram entre o Brasil e os países europeus, como fica evidente no “aviso” supracitado, publicado domingo, no dia 14 de janeiro de 1912. Aos poucos, contudo, os problemas de exportação da borracha tornaram-se maiores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da presente pesquisa pode-se destacar a fonte periódica, no caso, o jornal paraense, *Estado do Pará*, enquanto objeto de pesquisa e mostrar como tal jornal nos permitiu observar as movimentações do mercado da borracha em Belém e suas reverberações no exterior a partir dos serviços teleféricos. Além disso, ressaltamos também a importância do *Estado do Pará* justamente no momento de declínio da borracha nas praças amazônicas, isto é, no mesmo recorte temporal escolhido para a presente pesquisa, característica que tornou possível acompanhar as trocas de telegramas e observar as diferentes “impressões” sobre a crise da borracha. Exemplo disso foi a leitura da coluna “Notas Commerciaes” que permitiu acompanhar os movimentos de compra e venda da borracha diariamente no Pará.

Na segunda parte do trabalho buscamos discutir pesquisas que deram conta da discussão sobre a economia da borracha amazônica, especialmente no Pará e que concluíram que essa economia deflagrou o crescimento da região a partir da chegada de novos sujeitos advindos de diferentes regiões e países atraídos pelo promissor crescimento econômico causado pela produção gomífera.

Na terceira parte analisamos alguns telegramas que chegavam ao Brasil, especificamente na Amazônia, sobre as medidas tomadas pelo governo - representado pela figura de Eneas Martins - em relação à crise da borracha, articuladas pelo governo do Pará e do Amazonas. Diante dessa perspectiva de análise foi possível observar que mais do que um período marcado por crise, esse contexto nos apresentou também ações voltadas para a “defesa”

¹⁷ Estado do Pará. Belém, 14 de janeiro de 1912.

da borracha, como pudemos observar em um dos telegramas analisados, na qual o sr. Dr. Governador do Estado “já telegraphou ao governador do Amazonas, avisando da próxima convocação do congresso do Estado para a reunião extraordinária”¹⁸, com a intenção de votar leis e autorizações para a defesa da borracha, ou seja, ainda que se trate de um recorte temporal que nos faz lembrar a crise, também foi um contexto de negociações e agências de diferentes sujeitos que estavam inseridos nesse cenário.

Na quarta parte do trabalho, discutimos as transações e cotações da bolsa a partir do jornal. Essa coluna do periódico intitulada “Transações da bolsa” possibilitou observar que embora o mercado nas praças amazônicas estivesse pouco movimentado, o mercado externo aparecia “muito firme”. No entanto, foi possível observar momentos em que o “nosso” mercado estava animado, como podemos observar na edição 00270 de 1912, momento em que a crise já havia se instalado nas praças amazônicas, mesmo assim o periódico informava: “Esteve animado, ontem, o nosso mercado efetuando-se negócios em torno de 80 toneladas com quatro casas exportadoras.”¹⁹ O que sugere, as contradições da própria crise.

Dessa maneira, foi possível analisar no presente trabalho, articulado em quatro partes, as diferentes perspectivas coletadas nas páginas do *Estado do Pará* em relação ao início da crise da borracha entre 1910 e 1914, tendo em vista que, embora se tratasse de um momento de crise nas praças amazônicas, conseguimos ao menos, descortinar novas perspectivas para esse contexto, considerando que o mercado ainda que em declínio tinha momentos de movimentações “animadas” ainda que o contexto não fosse favorável.

¹⁸ Estado do Pará, Belém, 18 de abril de 1911, edição 00009, p.2.

¹⁹ Estado do Pará, Belém 5 de janeiro de 1912, edição 00270, p.03.

FONTES:

Jornal *O Estado do Pará* 1910-1914.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa - Brasil 1800-1900. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARROS, J. D'Assunção. Sobre o uso dos jornais como fontes históricas – uma síntese metodológica. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 30, n. 59, p. 421-431, 2010.

BENTES, P. F.; SOUZA NETO, M. A. Jornalismo e História no Pará: Relatos de acontecimentos importantes de agosto de 1912. In: 2º Encontro Regional Norte de História da Mídia e 2º Seminário de História, Cultura e Meios de Comunicação na Amazônia,, 2012, Belém. *Anais do 2º Encontro Regional Norte de História da Mídia e 2º Seminário de História, Cultura e Meios de Comunicação na Amazônia.*, Rio Grande do Sul: UFRGS, 2012. v. 2. p. 1-13.

CANCELA, C. D.. Casamento e família em uma capital amazônica (Belém 1870-1920). 1. ed. Belém: Açaí, 2011. 425p.

JERONIMO, L. P. D.. Os periódicos como fontes: considerações gerais sobre as publicações e suas contribuições para a história do teatro municipal sanjoanense. *REVISTA HYDRA*, v. 5, p. 182-209, 2021.

PINHEIRO, M. L. U.. Vivências Lusitanas na Cidade da Borracha: Manaus, 1893-1923. In: SARGES, Maria de Nazaré; FIGUEIREDO, Aldrin Moura; AMORIN, Maria Adelina.. (Org.). *O Imenso Potugal: estudos luso-amazônicos*. 1ed. Belém: UFPA, Cátedra João Lúcio de Azevedo, 2019, v., p. 225-247.

LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.).

SANTOS, Roberto Araujo de Oliveira. História econômica da Amazônia: 1800-1920. São Paulo, 1977.

TEIXEIRA, T. S. C. (2019). Os traçados da cidade: a Belém da primeira metade do século XX. *MARGENS - Revista Interdisciplinar Dossiê: Cidades, Identidades e práticas educativas*, 13(21), 11-26.

SOUZA NETO, Miguel Alves de; BENTES, Priscila Ferreira. Belém nos relatos do jornal "O Estado do Pará" de agosto de 1912. Belém: Editora Saraiva Megastore, 2012.

VIEIRA, Elis R. C. Manchete do dia: imprensa paraense e saneamento rural (1917-1924). Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal do Pará. UFPA, Brasil. 2016.

WEINSTEIN, Barbara. A borracha na Amazônia: expansão e decadência, 1850-1920. São Paulo, Hucitec/Edusp, 1993.